

## *Capítulo 10*

### **Vida da igreja Além do Alqueire (1)**

Nem acendem uma lâmpada e a colocam debaixo de uma cesta, mas em um candelabro e dá luz para todos que estão na casa (Mat. 5:15)

Em determinado momento, o último sistema estéreo já equipado com um toca-fitas de 8 trilhas saiu da linha de montagem. Imediatamente, em algum lugar lá fora, uma empresa especializada na fabricação de peças de fita – minúsculas rodas de borracha e outros aparelhos – ficou sem motivo para existir. Provavelmente algumas delas persistiram, resistindo às mudanças enquanto esperavam pelo ressurgimento de grandes jogadores desajeitados. Era um reavivamento que nunca viria. Estatisticamente falando, algumas empresas por aí devem ter falido. No entanto, os fabricantes mais astutos provavelmente já sabiam há algum tempo que a fita de 8 trilhas se tornaria o próximo pássaro Do-Do. Eles reconsideraram sua missão, reformularam-se e, em seguida, entraram com sucesso na indústria eletrônica, com outra perspectiva.

O agora extinto mercado de oito faixas é uma lição objetiva para todos nós. Isso nos lembra que nunca estamos acima de uma crítica sincera do que estamos fazendo e por quê o estamos fazendo. Nossa missão foi identificada? Se foi, ainda estamos mantendo o alvo? Há ajustes necessários a serem feitos em relação à sua aplicação? O mais importante, a missão em si era correta desde o início?

Sempre que declaramos um objetivo ou articulamos uma meta, estamos lidando com o conceito de missão. E onde a missão de um grupo é alta, nobre e acessível, as pessoas são obrigadas a embarcar nisso. Uma das características mais atraentes do envolvimento precoce de Igrejas Locais foi o impulso associado à sua missão de “tomar a terra” (e uma horda de gritos de guerra semelhantes). Essas frases foram um pouco radicais para alguns. Um crente alemão me disse uma vez que ele ficou longe do Movimento Igreja Local porque seu país já havia se envolvido em “tomar a terra” uma vez e isso se tornou desastroso [Alemanha Nazista]. Ainda assim, a ideia central de iluminar o mundo com sublimes verdades bíblicas parecia suficientemente harmoniosa com os objetivos evangélicos.

Finalmente, essa semelhança superficial desapareceria. Abaixo do buraco do coelho de nuances da Igreja Local, “tomar a terra” ficou inexoravelmente atrelado a “espalhar o Ministério” que por sua vez, significava iniciar igrejas e centros de treinamento que eram postos avançados do rebanho do LSM. Se a insatisfação surgisse com o arranjo, alguém poderia sempre apontar para o topo do poço, para a pequena mancha circular do céu, e falar da “visão celestial” e como Paulo “não era desobediente” a ela.

Enquanto isso, o ritmo frenético da vida do Movimento continuou a dar uma sensação de avanço, por mais distorcido que se tenha tornado. Vários projetos e movimentos se espalharam regularmente absorvendo energia e dinheiro dos membros. Mas depois que igrejas existiram naquele estado por décadas, a tomada foi puxada. Certas congregações então se tornaram pós-LSM, o que significava que não estavam mais atuando como franquias do ministério. No vácuo que se seguiu, os santos de repente se perguntaram: “O que estamos fazendo agora?” Talvez mais do que qualquer outra coisa, essa é a questão da hora. Enquanto não for respondida, as igrejas que romperam laços com a sede do Movimento enfrentarão uma deriva gradual sem a âncora dos moveres, publicações e programas do LSM. Ironicamente, eles compartilham o mesmo destino de suas igrejas de fora do Movimento. A diferença é que as igrejas do Movimento provavelmente durarão mais, já que uma poderosa tríade de orgulho, dinheiro e tradição reforça sua existência.

### **Preenchendo o Vazio**

As igrejas pós-movimento devem preencher o propósito em branco se quiserem sobreviver. Os recém-chegados e até os membros existentes terão dificuldade em investir tempo e dinheiro preciosos em uma igreja sem rumo. Ninguém quer dizimar com o único propósito de manter os serviços públicos no salão de reuniões. Tampouco é provável que alguém seja inspirado por uma meta de frequência perfeita nas reuniões pelos próximos cinquenta anos.

Uma igreja não orientada por um propósito prático e coerente é um “widget” – um objeto cuja identidade e uso são essencialmente desconhecidos. Igrejas “widget” são geralmente identificadas com sinais reveladores de que o conceito missional não é muito forte nelas. Por um lado, seus membros percebem que os exemplos mais fortes de consagração entre eles ocorreram no passado. Corações jovens que estão dispostos a arriscar tudo por Cristo parecem escassos agora. As pessoas estão habitualmente atrasadas para reuniões ou esporádicas em sua participação. Os salões são malconservados, exceto pelos poucos fiéis que estão dispostos a continuar fazendo a mesma coisa até o fim dos tempos. Quando os convidados aparecem no domingo de manhã, eles tendem a ser membros de outras igrejas locais. Quando são genuinamente novas, raramente duram muito.

Além disso, neste tipo de igreja, todas as experiências douradas da vida cristã parecem seguramente marcadas no passado. “Eu nunca vou esquecer o treinamento de Hebreus” ou “eu amei a casa dos irmãos fervorosos” são memórias queridas que tendem a não ter contrapartida contemporânea. Nada, ao que parece, pode competir com o passado glorioso. Isso é especialmente verdade na vida das pessoas do movimento pós-Igreja Local. Por quê? Porque, em grande medida, todo o passado idílico de que tanto nos lembramos ocorreu dentro de uma atmosfera carregada de

missões. Mesmo sem uma declaração de missão sucinta, o moral de um grande grupo de pessoas zelosas pela “verdade” era poderosamente motivador. A perspectiva de espalhar essa verdade foi ainda mais emocionante. Um ambiente de festejo em reuniões internacionais ajudou. Esboços longos e pesados, performances violentas nos microfones, convocações para os obreiros em tempo integral (que foram generosamente respondidas), e “exercitar o espírito” com um volume que dilacerava os ouvidos serviam para aumentar a sensação de que “essas pessoas estão indo para algum lugar”.

É claro que o zelo sozinho não faz algo certo. Mesmo missões erradas ou equivocadas podem galvanizar as pessoas. Considere os hipócritas religiosos que “atravessam a terra e o mar para fazer um prosélito e fazem dele duas vezes mais um filho do inferno do que eles”. Encontramos também uma multidão em Atos gritando “Grande é a Diana dos efésios por duas horas” e devotos de Baal cortando-se com lancetas durante seis horas em 2Reis. Todos eram exemplos de energia religiosa vazia, impulsionada por algum propósito equivocado ou outra coisa. Em seguida, adicione os suicídios de seitas de hoje, os incansáveis esforços de ir de porta em porta das Testemunhas de Jeová e dos Mórmons e as obras assassinas de extremistas islâmicos. A paixão subjacente a cada um desses exemplos não prova nada sobre a verdade inerente aos sistemas promovidos. De fato, os casos citados são de carga distorcida, montados nos trilhos da missão que se descontrolou. Mas bom, ruim ou feio, eles fornecem uma prova viva de que, na ausência de um conhecimento mais preciso, as pessoas acabarão se apegando a algum propósito que faça sentido ao seu universo.

A necessidade de uma causa é parte integrante de nossa constituição humana criada por Deus. Exonere os cristãos da missão e eles serão como uma bússola em um mundo onde os polos magnéticos foram removidos. A agulha se moverá em direção a qualquer objeto de metal aleatório - uma fivela de cinto aqui e um clipe de papel ali. No caso das igrejas pós-Igreja Local, a “agulha” normalmente se alinha com traços de antigos ideais do Movimento - formas, práticas e pensamentos associados a ser a única reunião apropriada de cristãos em uma cidade. Sem dúvida, essas configurações padrão podem fornecer uma familiaridade confortável aos membros do ex-Movimento.

Mas minha observação até hoje é que os muitos curiosos acessórios teológicos que temos como parte da “visão” raramente ajudam as igrejas pós-Movimento. Em vez disso, onde atualmente emprestamos e adaptamos esses itens para a missão da igreja, a própria igreja tende a se tornar desnecessariamente sobrecarregada. Não nos permitimos fazer isso ou nos envolver com aquilo. Não podemos usar isso ou participar daquilo. Como os navios sobrecarregados, será difícil para os nossos encontros gerenciar qualquer velocidade apreciável ou manobrabilidade. Uma vez que Cristo e a simples comunidade dos redimidos não é nossa única carga, a “vida da igreja” se torna complicada, proibitiva e pesada.

## Soa como missão, mas não é

Na matriz pós-movimento de hoje, as igrejas precisarão de declarações de missão claras e sem adornos. Essa observação pode surpreendê-lo. Afinal, não somos mais do que claros nesse assunto? Verdade seja dita, provavelmente nenhum grupo sublinhou o tópico do Propósito Eterno mais do que nós. No entanto, os ensinamentos elevados não se traduzem facilmente em ação. Por exemplo, dizer que o propósito de uma igreja é ser o testemunho orgânico de Cristo, uma expressão do Deus triúno é algo bom no que diz respeito à eclesiologia. Mas esses ideais tendem a ser declarações de ser e não de intenção. “Ser” identifica o que somos. “Intenção” refere-se à missão. Sim, afirmações de ser contêm conceitos missionais embutidos e pensadores perceptivos podem desvendá-los. O problema é que os menos perspicazes acharão tais interpretações um tanto duvidosas. O que realmente significa “testemunho” “orgânico” e “expressão”? Estas palavras parecem inclusivas de todas as coisas gerais e, ao mesmo tempo, não significam nada em particular. Finalmente, para a mente pragmática, uma missão que abraça tudo se parece com nada. Jesus compreendia isso. Como veremos mais adiante, Ele não deixou para nós deduzir o que a igreja deveria estar fazendo depois de ascender. Deixou comandos autoritativos explícitos para realizar certas coisas.

É extremamente importante não obscurecer a distinção entre “ser” e “fazer”. Quando vemos nossa missão como “ser”, então nos fixamos na suposta ortodoxia da igreja, “forçando os mosquitos” de várias formas e estruturas e as numerosas questões anexados a eles. Sem dúvida, uma compreensão da igreja e sua natureza santa, celestial e não sectária é importante. A eclesiologia saudável é crucial como ponto de partida e estrutura de qualquer igreja, mas não pode ser a declaração de missão. Qualquer grupo cujo principal objetivo seja a autopreservação e manutenção se encontrará em um circuito fechado. Recursos frescos só podem aparecer dentro do que já está dentro dele. Isso é como girar o sistema de ar do seu carro em “recircular”. Parece que há uma rajada de ar fresco soprando das aberturas, mas na verdade é apenas o ar antigo que você respirou anteriormente, bocejou, tossiu e espirrou.

Muitas Igrejas Locais, sem saber, continuam em modo de recirculação. Embora seus ensinamentos mais queridos sejam cheios de linguagem sonora proposital, na realidade prática eles têm uma missão de circuito fechado. O objetivo de sua existência em uma cidade é existir em uma cidade. É muito difícil sair desse padrão. Por alguma razão, quando os membros da Igreja Local ou os líderes discutem o assunto da igreja, o óleo da comunhão rapidamente se transforma em xarope de bordo. Instrumentos que deveriam ter vigorosamente sido impulsionados para cumprir os mandamentos mais definidos do Senhor. Por exemplo, introduza o assunto da Base Local – uma igreja, uma cidade – e as horas serão gastas indo ao redor da amoreira com vários

pontos e pontos de vista. Pergunte como a igreja deve ser chamada e haverá mais do mesmo – preocupações com a quantidade certa de adjetivos e preposições do artigo. Tudo isso é incompreensível, a menos que você tenha se acostumado à vida sob um alqueire. Nesse lugar [debaixo do alqueire], fora da vista do mundo, a perpetuação de uma subcultura da igreja faz todo o sentido.

Com o passar dos anos, uma Igreja Local pode continuar em um estado auto-ocupado, completamente distanciada do mundo em volta. A congregação é desconhecida para os cristãos da área, exceto por breves brigas com eles sobre as alegações de que não é uma seita. Em termos de cidade ou comunidade, a soma total de suas contribuições de serviço pode muito bem ser zero. Seu efeito sobre os não-salvos é tipicamente limitado a incursões raras vindas de baixo do alqueire para conseguir alguns “novos” que, espera-se, irão se virar e se juntar a nós embaixo dele. Não importa como nós celebramos a excelência inerente do “ser” da lâmpada com sua natureza dourada, forma e brilho, tudo é insignificante sob uma cesta.

Existem outros conceitos de missão que os membros da Igreja Local mantêm, pelo menos inconscientemente. Estes são freqüentemente itens maravilhosos e em algum grau eles transmitem declarações de intenções. No entanto, eles ainda estão aquém do objetivo do Novo Testamento. Um dos mais estimados entre eles é o pensamento de que nossa missão na Terra é o desfrute espiritual. “Só precisamos desfrutar o Senhor” é uma resposta comum a propostas de ação. Sim, o desfrute do Senhor tem uma tremenda importância. Por um lado, é um indicador da qualidade de nossa atual comunhão com Deus. É também o combustível que nos permite viver de acordo com a vontade de Deus - “A alegria do Senhor é a nossa força” (Ne 8:10). O gozo espiritual tem seu lugar particular na vida cristã, mas não como o fim de tudo. Uma missão da igreja definida e dominada pelo prazer pode facilmente se tornar subjetiva. Os membros tenderão a estar extremamente ocupados com sua condição pessoal, sempre se esforçando pelo estado feliz por excelência. Eles tratarão preocupações externas legítimas como aborrecimentos ao seu repouso interior. Descendo essa estrada o suficiente, mesmo preocupações santas como a oração, as reuniões cristãs e os dons espirituais serão apropriados apenas como meios para a auto-edificação. Paulo nos alertou sobre uma abordagem tão desequilibrada (1Coríntios 14). Uma vez que a igreja vê sua missão na terra como sendo sua própria felicidade, o mundo se torna invisível a ela e se torna invisível para o mundo. O alqueire chegou.

Os membros da Igreja local têm outro conceito poderosamente apresentado de que “verdade” é sua missão. De fato, muitos exaltaram “altas verdades” durante a última década até o ponto da obsessão. É claro que o ensino saudável define nosso conteúdo, nosso pacote, a verdadeira realidade bíblica que se estende ao mundo. É difícil exagerar a importância disso. No entanto, o encargo em si não é a missão. Minerar as riquezas da Palavra é lucrativo, mas há uma antiga

pergunta: “Qual é a coisa mais importante que já saiu de uma mina?” A resposta é o mineiro! Nós, cristãos, entramos na Bíblia em busca de ouro, prata, ferro e bronze. Mas se não emergirmos da mina para envolver nossa comunidade, quem se importa com isso? Os bens preciosos que recebemos permanecerão guardados a salvo, fora da vista, no subsolo – junto conosco. Alcançar maiores estágios de clareza no fundo de um buraco não pode ser nossa missão. Será gratificante para aqueles que preferem atividades acadêmicas. O resto de nós, no entanto, acabará por se cansar de uma vida de igreja em sala de aula que não se conecta com o resto da raça humana. O alqueire estará presente novamente.

### **A missão em visão simples**

Antes de levantar um dedo, qualquer igreja interessada em seguir a missão do Novo Testamento precisa ter um certo entendimento de pré-requisito. O Senhor Jesus identificou esse conceito obrigatório em dois dos quatro evangelhos quando alguém lhe perguntou: “Qual é o maior mandamento de todos?” Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com toda a sua mente e com toda a sua força...e o segundo, é este: amarás o seu próximo como a ti mesmo...” (Mc 12: 30-31). Qualquer missão rapidamente se tornará um exercício vazio, orientado a deveres, se não tiver o amor a Deus em seu núcleo. Da mesma forma, os vizinhos que estamos alegando servir se tornarão objetos despersonalizados do trabalho religioso, se o amor não for a força animadora desse serviço.

Não ouse diminuir a natureza essencial do amor quando o Senhor disse que era o primeiro mandamento e quando o apóstolo Paulo disse que “é o cumprimento da lei” (Rom. 13:10) e “nunca falha” (1 Cor.13:8) e é o maior entre as coisas espirituais (1Cor. 13:13). Ainda assim, Deus quer mais de nós do que nossos sentimentos afetuosos. Afinal, o seu próprio amor redentor pela humanidade não foi comprovado até que explodiu na entrega de Seu Filho (João 3:16). A devoção desconectada não faz muito para ninguém. É por isso que Jesus perguntou a Pedro três vezes se ele o amava. Quando Pedro respondeu afirmativamente, o Senhor não assentiu, sorriu e se afastou. Ele acrescentou uma série de declarações “se, então, tu Me amas”, “alimenta meus cordeiros”, “pastoreia minhas ovelhas” “alimenta minhas ovelhas” (João 21: 15-17). A maior virtude descrita e ordenada na Bíblia é o amor a Deus e aos homens. Deus, no entanto, quer que o amor encontre significado em uma missão de Sua própria escolha.

O Novo Testamento contém um corpo de comandos ricamente texturizados que se estendem da oração ao perdão, da moralidade à ordem da igreja. Qualquer um deles poderia ser isolado e tomar uma direção em si. É por isso que é bom que o próprio Senhor Jesus tenha nos entregue uma missão claramente redigida antes de deixar este mundo. Suas declarações no final

dos quatro evangelhos formam um composto que moldou os trabalhos apostólicos do primeiro século e, em seguida, a própria natureza da obra cristã por todo o tempo. Marcos nos diz para “pregar o evangelho a toda a criação” (Marcos 16:15). O relato de Lucas é um pouco mais estratificado, e diz: “O arrependimento e a remissão de pecados devem ser pregados em Seu nome” (Lc. 24:47). O evangelho de João diz: “apascenta meus cordeiros” e “pastoreia minhas ovelhas” (Jo 21:15-16). Por fim, o Evangelho de Mateus vai mais longe ao nos ordenar que “ façamos discípulos” (Mt 28:19). Assim, o Senhor definiu a missão e os apóstolos, os representantes da igreja, a receberam.

A determinação simples e irrestrita no evangelho de Marcos faz do núcleo de todos os nossos deveres uma palavra professada, uma “testemunha” (cf. Atos 1:8), fortalecida pelo Espírito Santo e confirmada por nosso viver. Surpreendentemente, nunca somos explicitamente instruídos a “salvar as pessoas”. Em vez disso, nosso dever é “divulgar a mensagem”. Obviamente, isso evita que a igreja sofra muitas discussões, lutas, argumentações, manipulações ou tentativas de convencer pessoas para dentro ou para fora das coisas. Não fomos ordenados a fazer a obra do Espírito Santo de convencer homens e atraí-los para Cristo. Essa palavra também não deve ser confinada ao interior de uma instalação de reunião. “Ir a todo o mundo” significa ter um evangelho com uma alça de mala. Quando entendemos essas instruções simples sem ônus extra com os evangélicos de hoje de “fechar o acordo” ou a bagagem da Igreja Local de “invocar o Senhor três vezes”, podemos, sem medo, levar esse evangelho a todos os lugares, simplesmente falar e deixar os resultados em paz ao Senhor Jesus. Recentemente, li um cristão que passa tempo compartilhando a Palavra nos arredores do templo Mórmon em Utah. Quando colegas pregadores do evangelho lhe perguntaram por que ele escolheu um lugar tão difícil para testemunhar, ele disse que seu dever não era converter os mórmons, mas anunciar as boas novas. Uma vez que a palavra foi dita fielmente, ele confiou que o Senhor Jesus sabia fazer o resto. Quando toda a igreja começa a obter esse tipo de garantia, algo bom sempre parece estar acontecendo entre os membros da igreja e as pessoas não salvas em seu círculo de vida.

Nossa cultura da igreja passada ocasionalmente procurava codificar exatamente o que deveria ser falado aos não salvos. Foram feitas diferenças cavernosas entre algo chamado “evangelho baixo” e “evangelho elevado” como se houvesse dois evangelhos separados que poderiam ser pregados. Infelizmente, acabamos com um baú tipicamente a vapor, cheio de verdades desde Gênesis até Apocalipse.

Na realidade, nossa mensagem principal, conforme ordenada por Jesus, era um pouco menos complicada. Ele nos disse para pregar “arrependimento e remissão de pecados em Seu nome” (Lucas 24:47). “Mas estou cansado de temas de pecado e arrependimento. Eles são meio baixos”, diz o cristão saturado da Bíblia. “Há muito mais sobre o que conversar.” Obviamente, todo o

conselho de Deus deve ser levado em consideração, mas o tema central dos não salvos deve sempre ser o problema deles com Deus, a necessidade de mudar de ideia sobre a maneira como eles tem vivido e o presente gracioso do perdão de Deus. Lembre-se de que o arrependimento e o perdão são muito mais do que assuntos para um estudo bíblico e lanche da noite de sexta-feira. Eles descrevem a verdade redentora que realmente libera escravos que perecem. No mundo real que existe fora de nossas agradáveis reuniões, o pecado é uma força terrível e destrutiva que ainda está em ação em todos os lugares. É um holocausto de almas por aí. Se estamos entediados com os temas de perdão e arrependimento, provavelmente é porque não temos mais a alegria de ver pessoas libertadas da morte. Em vez disso, permitimos que esses pontos simples, mas potentes da graça, se tornem bugigangas teológicas. Quando os santos habitualmente testemunham o poder do arrependimento e do perdão do pecado, à medida que libertam outros de todos os tipos de vícios depravados, a alegria deles progride do evangelho estudado para o evangelho aplicado. Somente aqueles que permanecerem desconectados das linhas de frente da vida persistirão arrogantemente em rotular milagres redentores como “baixo cristianismo”.

Felizmente, as pessoas vão responder ao nosso proclamar. Alguns vão crer. É por isso que, no final do evangelho de João, o Senhor disse a Pedro para “pastorear minhas ovelhas” e “alimentar meus cordeiros”. E assim ele acrescentou outra camada à nossa missão, demonstrando que não estamos restritos a encontros com Cristãos. O pastoreio pós-salvação abrange todos os esforços para ajudar os crentes a permanecerem no “caminho, na verdade e na vida”. A igreja em potencial pastoreio deve entender seu papel de incluir liderança, proteção e correção de curso, mas que nunca envolve táticas de manipulação como vergonha ou bajulação. Afinal, esperamos ver as ovelhas continuarem na Pessoa viva de Jesus Cristo e não apenas fazer coisas para nos agradar pessoalmente. O pensamento conectado de alimentar os cordeiros tem a ver com nutrir seu espírito. Sem dúvida, isso envolve ensino. No entanto, existe uma grande diferença entre alimentação e doutrinação. O alimentador oferece palavras da verdade das escrituras que foram “mastigadas”, unidas à experiência pessoal e servidas com uma atitude humilde. O doutrinador, por outro lado, insiste nas posições doutrinárias peculiares de seu grupo e as apresenta de maneira agradável ao esófago de qualquer um que seja visto como aberto. Ambas as abordagens têm seus resultados. O primeiro resulta em ovelhas funcionais felizes e saudáveis. O último resulta em autômatos dogmáticos. O mundo está à tona em informações corrompidas.

Portanto, a igreja deve levar a sério a missão de oferecer leite e alimento genuínos da palavra aos filhos do Senhor.

O componente da missão de alcance final e mais distante é encontrado em Mateus. Há muito que se pensa que o argumento final do evangelho diz: “pregue o evangelho a todas as nações”. Isso não é bem assim. A redação atual é “discipular todas as nações”. Novamente, alguns entendem



esse comando como sendo o mesmo que “ensinar todas as nações” como se fosse oferecer instrução em princípios teológicos. Mas não foi exatamente isso que aconteceu. Certamente, o ensino está subtendido em Mateus 28:20, mas, no contexto, não convoca a imagem de discípulos mexendo entusiasticamente suas cabeças e elogiando a riqueza do ministério. Em vez disso, o ensino ao qual o Senhor se refere leva à observação literal do que Ele ensinou. Todas as pepitas subsequentes que mais tarde se desenvolvem nas epístolas estão contidas nesse evangelho, como o desenvolvimento do próprio ministério (A parábola dos talentos), o relacionamento entre os crentes (perdão, reconciliação), assuntos específicos da igreja (seu fundamento, edificação e autoridade), moralidade e virtude, espiritualidade saudável, guerra espiritual, o reino de Deus, salvação e várias outras coisas. A expectativa do Senhor em entregar esse corpo de verdade vai muito além da inspiração e da educação. Termina em obediência. Até que a vida cristã atinja a conformidade interior e exterior com Cristo, a missão de discipulado do Senhor não será satisfeita.

Alguns podem argumentar que as advertências de Jesus aos apóstolos eram exatamente isso – apenas apostólicas, restritas aos doze e no Evangelho de João, limitadas ao próprio Pedro. Mas, na realidade, todo cristianismo genuíno é apostólico. Os apóstolos eram repositórios representativos da verdade, como Jesus orou: “Não peço apenas por esses, mas também para aqueles que crerão em mim por meio de Sua Palavra” (João 17:20). Então, quando lhes disse para pregar, alimentar e discipular, também fomos incluídos através do tecido conjuntivo espiritual da igreja. O corpo de Cristo deve integrar localmente a missão do Novo Testamento ao contexto de seus membros irem à escola, trabalhar, brincar, criar famílias – em geral, viver a vida dentro de seus limites geográficos e demográficos específicos. E, como ondulações em um lago, deve antecipar a propagação daquele local para áreas gradualmente maiores (cf. Atos 1:8).

Onde as igrejas se recusam a cumprir essa missão quádrupla claramente ordenada, optando por algum outro propósito misterioso, o que pode ser dito, exceto que a desobediência está envolvida? Fazemos bem em nos envolver com a visão do propósito eterno de Deus, adotado no livro de Efésios, Apocalipse e em outros lugares. Finalmente, no entanto, nossa missão designada é onde essas visões celestiais pousam nos “tênis” de alguém. É o para-raios pragmático que conecta a eternidade ao tempo, a revelação à realização e, sim, Deus ao homem.

Por muitos anos, membros bem-versedos da Igreja Local ouviram falar da primazia da igreja e da necessidade de edificá-la. Alguns podem se perguntar por que, se a missão quádrupla do Senhor é verdadeiramente abrangente, Ele não incluiu “Vão edificar a minha igreja” entre Seus mandamentos de despedida. Mas olhar para a missão “pregar-arrependimento-alimentar-discipular” e não ver nela a edificação da igreja é cegueira religiosa. É como observar todas as coisas em um canteiro de obras – escavação, fiação elétrica, encanamento, aço e concreto, mas não ser capaz de perceber neles um arranha-céu emergente.

Em teoria, a missão do Novo Testamento parece boa – tão boa que a maioria das igrejas afirma que é sua prioridade. Isso inclui grupos como o Movimento da Igreja Local, cujos membros migram para novas cidades, países e continentes, com a impressão de que estão refletindo o livro de Atos. Talvez uma semelhança superficial realmente se mantenha por um tempo até que a poeira assente e a planta congregacional seja estabelecida. Então, as semelhanças entre a autêntica missão do Novo Testamento e a do programa da igreja serão terrivelmente fracas. Uma congregação pode possuir a declaração de missão correta ou uma paráfrase dela, mas, na prática, não se importa realmente com isso. Em vez de olhar para jargões ou linguagem privilegiada, como “verdade” ou “adoração”, examine os hábitos espirituais e a estrutura do grupo. Sua verdadeira atitude em relação à missão do Novo Testamento se tornará aparente:

- Quando solicitados a declarar a missão da igreja, os membros podem anunciar algo muito próximo ao que o Senhor Jesus ordenou nos evangelhos ou eles recorrem a tecer explicações compostas de revelações esotéricas?

- A congregação cresceu consideravelmente ao longo do tempo, acrescentando os que não são da igreja/não salvos ou depende do crescimento através do proselitismo de outros grupos?

- O cronograma congregacional semanal reflete uma prioridade para o envolvimento com os sem igreja/não salvos ou os membros estão ligados a atividades internas (ou pior), alertados contra ter amigos e fazer coisas mundanas?

- As reuniões programadas oferecem o alimento sólido e o leite da Palavra, ou funcionam principalmente para servir aos interesses dos cristãos veteranos?

- A apresentação geral da igreja é culturalmente sensível pelo bem-estar da comunidade ou está repleta de linguagem e práticas que só fazem sentido para a própria igreja?

- Os membros têm o hábito de acompanhar os visitantes porque estão realmente interessados neles, ou apenas se envolvem se isso significa que eles podem “ganhar um novo?”

- Existem oportunidades locais para receber orientação para uma vida cristã mais profunda ou há apenas uma avalanche de livros, vídeos e convites para conferências?

- Existem oportunidades locais para receber treinamento para desenvolver ministérios pessoais ou a atitude predominante de que os ministérios são uma ameaça para a congregação?

Obviamente, se a igreja em questão responde principalmente à pesquisa acima de forma negativa, é hora de alguma honestidade de “vir a Jesus”. Não importa o que mais seja dito, a vida, atitudes e comportamento de uma congregação – seu próprio DNA - contam a história real de sua missão.

## Visão congregacional – tornando-se prático

Poderíamos ser convencidos de não sermos mais focados na missão em relação às nossas respectivas cidades, mas isso ainda não faria a obra. Tampouco concessões tímidas como “Sim, nossa igreja realmente precisa se aprofundar mais nisso”. Tais afirmações vagas, genéricas e abertas são escadas sem degraus. Uma missão irá parar rapidamente se não houver resoluções práticas sobre as quais ela possa ascender. Onde está o primeiro passo para cumprir a missão do Senhor? Esta questão é muito mais simples se o único Cristão responder. Ao lidarmos com grupos de pessoas, no entanto, isso se torna outra história. Uma diversidade de dons e habilidades existe mesmo em congregações menores. Aproveitar o poder do “sacerdócio” exige uma abordagem de trabalho em equipe.

O primeiro passo está no estabelecimento de uma visão comum. De acordo com a cultura do movimento da Igreja Local, “visão” é uma palavra fortemente impregnada de sentimentos universais de grande dimensão. Ela é vinculada a vários outros termos como “orgânico”, “consumação”, “dispensação” e “economia eterna”. Não vou usá-la dessa maneira.

Em vez disso, visão se refere a como vejo minha congregação cumprindo a missão do Novo Testamento, como os vejo pregando, alimentando e discipulando outras pessoas em uma comunidade específica. Em geral, todos os cristãos compartilham a mesma missão, enquanto a visão congregacional é diversa. A igreja XYZ em Podunk Falls, Iowa, tem quarenta membros, todos de meia idade e filhos adolescentes. Eles sabem que sua missão como cristãos é encontrar os perdidos e depois discipular os encontrados. A Igreja ABC, com 3.000 jovens membros em Chicago, compartilha o mesmo entendimento. No entanto, a maneira de cumprir essa missão é diferente entre as duas congregações. A variação está em onde suas congregações estão localizadas, seu grupo demográfico, seus dons residentes, necessidades da comunidade, a liderança do Senhor e vários outros detalhes. Quando levamos todas essas variáveis em consideração e depois prevemos o *curso do ministério futuro*, isso geralmente é chamado de visão.

Em seu livro *The Power of Vision*, (que eu recomendo muito), George Barna diz:

“A visão é específica, detalhada, personalizada, distinta e única para uma determinada igreja. Permite que um líder diga não às oportunidades, forneça orientação, capacite as pessoas para o serviço e facilite a produtividade” (35).

Quando capturamos essa visão em palavras sucintas e práticas, ela é chamada de declaração de visão, uma descrição de uma ou duas frases que define parâmetros específicos em torno da obra da igreja. Dentro da mesma cidade, grupos de cristãos procuram realizar a missão

do Novo Testamento. As restrições soberanas impostas pelo próprio Senhor impedem que qualquer grupo local seja um monopólio espiritual. Nenhuma igreja pode oferecer tudo a todos em uma cidade. Portanto, adotar uma visão congregacional é a auto-admissão virtual de um grupo de que não é o fim de todos os esforços do ministério. A declaração de visão, portanto, diz humildemente: “Podemos fazer isso, mas não aquilo” e “Temos isso, mas não aquilo”. A conclusão realista: “Faremos isso, mas não aquilo”.

Uma fraqueza cardinal das igrejas locais era a suposição de serem “eles” – os únicos representantes legítimos do corpo de Cristo em suas respectivas cidades. Pouquíssimos membros leais pararam para pensar em como o Senhor Jesus alcançaria as áreas de favela através deles, os bairros ricos, as populações de ensino fundamental, e ensino médio, todos os *campi* das faculdades, a *intelligentsia* local, as populações de imigrantes residentes, a arena dos políticos e todos os de alto perfil, colarinho branco, colarinho azul ou pessoas marginalizadas. No entanto, esse é exatamente o domínio e o dever da igreja local. Um grupo enclausurado de trinta e poucas pessoas nunca poderia reivindicar sobriamente “representar” um trabalho de tal magnitude. Somente os diversos esforços combinados das congregações locais podem atender com sucesso às necessidades das modernas áreas metropolitanas. Cada um deve suportar sua medida de visão e responsabilidade.

### **Determinando uma visão congregacional**

À medida que percebemos nossa incapacidade de ser todo o Corpo de Cristo e começamos a procurar nosso lugar, surgem mais perguntas: para onde devemos ir? A quem devemos alcançar? Em que nicho nos encaixamos corretamente? Eu já falei sobre esse assunto no capítulo 4, então apenas o expandirei brevemente aqui. A visão congregacional pode se desenvolver através de uma variedade de meios.

Primeiro, devemos prestar atenção às indicações da obra do Espírito já dentro da congregação. Infelizmente, as igrejas são notórias por simplesmente continuarem no caminho das convenções e ignorar as fontes de vida dentro de seus próprios membros. Isso não significa que toda a congregação deva mudar de direção toda vez que alguém desejar fazer algo. Mas quando há uma convergência geral e de longo prazo de liderar entre os santos para uma determinada coisa, isso poderia muito bem fornecer a substância fundamental para uma nova visão.

Os itens que você tem no cinto de ferramentas espirituais também podem influenciar muito a formação de uma visão. Por que tentar alcançar um determinado povo ou fazer certas coisas quando você não está equipado para isso? Faça um inventário de dons congregacionais. Pode

tornar-se óbvio que o ensino, o evangelismo, a hospitalidade ou os talentos musicais entre os membros são uma entrada natural para o cumprimento da missão do Novo Testamento.

A visão pode se desenvolver ouvindo as pessoas, descrevendo o que elas e outras pessoas precisam e como essas necessidades foram negligenciadas. Como os cristãos se perdem facilmente em bolhas religiosas, é fácil para eles se desconectarem simultaneamente do mundo exterior. Conversas informais com membros da comunidade fornecerão informações sobre os pontos de crise atuais em suas vidas. A reclamação de que “meu bairro não está aberto” tenderá a evaporar quando percebermos que somos nós que provavelmente não estamos abertos à abundância de sugestões e sinais que os não salvos estão nos dando.

Outra consideração possível no desenvolvimento de uma declaração de visão está na observação de grupos populacionais que foram ignorados. O evangelho pode ter tido pouca ou nenhuma penetração dentro de uma certa vizinhança demográfica ou geográfica. Essa abordagem influenciou recentemente o início de uma nova igreja em nossa área. Por um período de tempo, observamos que solteiros recém-formados e casais recém-formados costumam entrar em uma desorientação espiritual que dura anos. Em vez de lamentar “essa geração atual de preguiçosos” ou “a superficialidade egocêntrica da juventude de hoje”, começamos a sentir uma responsabilidade moral de confrontar essa população com verdade amorosa. Portanto, nossa declaração de visão incorpora essa preocupação ao dizer que “procuraremos impactar a geração recém-estabelecida na vida adulta”.

A visão pode ser desenvolvida simplesmente considerando a localização da sua reunião. Na maioria das cidades, as Igrejas Locais típicas não tiveram efeitos positivos sérios nos bairros ao redor de seus locais de reunião (isso não inclui membros que deliberadamente se mudam e compram imóveis com salão de reuniões). As igrejas pós-movimento que não prejudicaram as relações comunitárias fariam bem em ajustar suas atitudes e ver seus vizinhos como pessoas a servir. Em alguns casos, a igreja deve considerar a realocação. Outra área da cidade poderia se beneficiar mais da sua presença. Os *booms* da construção ocorrem regularmente em novos subúrbios, à medida que os jovens casais compram casas para novos inícios e começam a planejar sua vida inteira à parte do Senhor. Talvez ainda não exista presença cristã adequada lá. Aproveitar a oportunidade para restabelecer a igreja em uma nova área pode se tornar o sopro de ar fresco mais significativo que a congregação já teve.

Devido à sua compreensão anterior de missão e visão, as Igrejas Locais terão dificuldade em identificar um nicho de serviço. “Nossa visão é a cidade inteira”, diziam. Esse é um ideal maravilhoso e necessário, mas, como mencionei antes, é uma impossibilidade prática. Comece com uma visão congregacional que permita aos membros envolverem-se em algo mensurável – um ponto inicial ou ponto de partida. Quando as pessoas começarem a aparecer nas reuniões que não são

necessariamente identificadas na sua declaração de visão, então será a hora de adotar a atitude mais ampla de “estamos aqui para toda a cidade”. Dessa forma, protege a congregação de se tornar míope, além de garantir que todos os que buscam a Jesus sejam bem-vindos.

### **A Igreja Tornando-se Pública**

Segundo o Senhor Jesus, a maior força evangélica na terra é a igreja. Em sua oração ao Pai, Ele disse que, por meio dela, “o mundo creia que Tu me enviaste” (João 17:21, 23). Além disso, Paulo acreditava no poder da igreja reunida de influenciar os não salvos, para que se ajoelhassem e confessassem a realidade de Deus (1 Cor. 14:24-25). É por isso que o Senhor comparou a igreja a uma lâmpada que nunca deve ser escondida.

Uma congregação que está escondida debaixo de um alqueire e, assim, velada pelo escrutínio público nunca pode ser saudável. Tendências estranhas e encravadas se multiplicarão como coelhos. As reuniões se tornam um lugar estranho para as novas pessoas – como ouvi recentemente que um visitante de uma igreja local chamou a reunião de “um monte de malucos”. Lembro-me vividamente da ansiedade que muitos de nós sentimos ao prever um vizinho ou amigo ou parente participando de sua primeira reunião. Não era incomum uma ligação ser feita com o desesperado apelo de “não diga nada contra o catolicismo”. Mesmo que não houvesse, certamente haveria gritos forçados, refrãos rítmicos de “amém” e músicas repetidamente cantadas até que todo interesse tivesse sido arrancado deles. O nome de W. Lee costumava ser revelado como se fosse um item de nossa fé. E então havia orações gemendo, balançando, tecendo, estalando a língua e doutrinariamente sobrecarregadas. É de se admirar que, depois de tudo terminado, a pergunta mais comum fosse se a pessoa “ficou encantada?” Aqueles que superaram a série de impressões negativas que poderiam ter recebido durante as duas ou três horas de reunião (ofegante!) foram considerados “abertos”. Mas nunca nos ocorreu que a maioria das pessoas que visitavam pela primeira vez já estivesse aberta e que nossa parafernália de reunião havia feito muito para fechá-las.

Aqueles eram os velhos tempos, você pode dizer. Mas então você estaria errado. Muito tempo depois de nos separarmos do Living Stream Ministry, ainda podemos levar muitos itens repelentes às pessoas em nossas reuniões. Esses hábitos podem prejudicar nossas tentativas de obter uma nova concessão de vida, mesmo depois de termos adquirido uma nova e brilhante declaração de visão.

Permita-me o exemplo experimentado e verdadeiro da pesca. Muitas variáveis determinam se o pescador será bem-sucedido. Ele deve levar em consideração os níveis de ruído, isca, anzóis, linha, bastões, hora do dia, clima, estação do ano, visibilidade da água, corpo particular

de água, fases lunares, níveis de oxigênio da água, níveis de ph, vegetação, profundidade, estrutura, fundo matriz e hábitos de espécies. Ignore todos esses assuntos de maneira consistente e, além de acidentes estranhos, os peixes nunca parecerão acabar na sua linha.

Por favor, não pense que citei um exemplo aleatório e fofo também. O Senhor Jesus comparou os seres humanos aos peixes (Mt 13:47-48) e a missão do Novo Testamento à pesca (Lucas 5: 9-10). O que normalmente fizemos na “pesca” da Igreja Local é a trombeta de sucessos que ocorreram, apesar de desconsiderarmos todas as regras. É como o garoto que pega um troféu [peixe] com um alfinete de segurança e linha de costura. Ele não prestou atenção ao grande número de diretrizes de pesca que citei acima e conseguiu de qualquer maneira. Da mesma forma, tendemos a negligenciar princípios firmes e elevar exceções – incidentes sensacionais do evangelho que se tornaram folclore entre nós.

Argumentamos com questões de senso comum, como ordenar a igreja e suas reuniões, porque temos histórias peculiares como “evidência” para mostrar que realmente não importa o que fazemos. Sempre que o princípio aconselha a não fazer certas coisas nas reuniões em prol de novas pessoas, sempre há algo em algum lugar que sugere que não precisamos pensar muito sobre isso. Sim, as pessoas podem acabar entre nós por qualquer motivo. Sempre haverá um João ou Joana que têm momentos de “Aha!” nas reuniões, mesmo que a mensagem em si tenha sido longa demais, os santos entraram no tédio semi-comato e o ar-condicionado estava quebrado. Tais coisas sempre serão prerrogativas do Espírito Santo. Mas elas são misericórdias divinas. Elas não estabelecem formas de trabalho. Tendo ouvido falar sobre o garoto e o troféu, não jogamos nosso equipamento de pesca e o substituímos por alfinetes de segurança e linhas de costura. Em vez disso, admitimos que a pesca às vezes concede vitórias improváveis e que Deus favorece crianças pequenas. Exceções nunca devem ser permitidas para determinar nossa metodologia.

A coisa maior e mais óbvia a ser dita sobre a renovação da vida da igreja tem a ver com como não afugentar as pessoas de nossas reuniões. Quase toda congregação próspera trata sua reunião de domingo de manhã como a porta da frente de um visitante da igreja. E alguns convidados formam julgamentos finais na congregação antes de entrarem no edifício. As pessoas aqui chegam tarde? Como eles tratam as crianças? O local de reunião está limpo? O pessoal é amigável? Isso representa apenas a vista do carro para o lobby. Depois, há a reunião em si. Nos capítulos seguintes, consideraremos muitos itens relacionados à conduta pública e à abordagem básica da colheita. Esperançosamente, quando os abordarmos construtivamente, nos encontraremos progressivamente além do alqueire, brilhando de maneira desobstruída.